



José Gabriel Ávila*
jgazores@gmail.com

Da emigração ao quase despovoamento

“Ontem gente nossa povoou as Américas e os Alentejos. Hoje necessitamos de outra gente para repovoar estas ilhas de pouca terra mas de muito mar.”

AÇORIANOS QUE FORAM PARA O ALENTEJO ENTRE MAIO E OUTUBRO DE 1787

Partida	Casais	Filhos	Solteiros	Total	Destino
Maio/ Horta	6736	197	4	331	Évora
Maio/P. Delgada	16	23	----	55	Évora?
Junho/Horta	54	188	17	313	Évora
Junho/Angra	42	91	52	227	Portalegre
Agosto/P. Delgada	9437	186	57	431	Beja
Agosto/Angra	31	102	17	181	Portalegre ou Elvas
Setembro/Angra	55	179	62	351	Elvas
Outubro/Faial	80	304	23	487	Ourique
Outubro/P. Delgada	14	32	16	76	Alcácer/Grândola
Total	453	1302	248	2456	Alentejo

Fonte: Luís Mendonça

A preocupante questão do despovoamento, resultante do envelhecimento da população do arquipélago, parece começar a inquietar os políticos e governantes regionais.

O problema não é de agora, nem afeta apenas os pequenos territórios. A velha Europa ressentiu-se dele, embora encare, com muita dificuldade, por razões culturais e religiosas, a receção de povos imigrantes oriundos sobretudo de África.

Em tempos defendi e continuo a defender a abertura dos Açores a essas gentes. Não seria novidade para a história açoriana, feita desde o povoamento de fenómenos migratórios com origens e destinos diversos. O primeiro foi para o Brasil, seguindo-se os Estados Unidos da América do Norte e, no século XX, o Canadá.

Segundo Cristóvão de Aguiar¹ a primeira leva de açorianos para Terras de Vera Cruz teve origem nas ilhas do Faial e do Pico, onde, em 1677, ocorreu uma crise sísmica que deixou na miséria muitas famílias. A partir daí, a corrente migratória para o Brasil aumentou até ao século XVIII, com a ida de centenas de casais, não só para fugir às crises económicas, mas para atingirem os patamares de riqueza que muitos retornados à ilha exibiam.²

Apesar da dimensão populacional do arquipélago, sabe-se também que

*“No verão de 1787 assistiu-se à transmigração de um numeroso grupo de casais açorianos para as planícies alentejanas, facto que, não obstante a sua inegável relevância, se tem mantido quase à margem do interesse historiográfico.”*³

Segundo o investigador micalense Luís Mendonça a iniciativa deveu-se ao Intendente

Geral da Polícia Pina Manique e pretendeu colonizar o Alentejo, com casais açorianos, ligados à agricultura que iriam ser distribuídos por aquele imenso e despovoado território, não como aconteceu no Brasil a quem foram entregues terrenos para cultivo, mas proporcionando-lhes trabalho como assalariados e condições habitacionais condignas.

Pina Manique solicita ao Governador dos Açores 200 casais. Na altura regista-se um *“cenário de fome e miséria (...) claramente favorável à concretização dos propósitos colonizadores de Pina Manique, quer porque houvesse muita gente predisposta a abandonar as ilhas, quer porque as próprias autoridades locais estivessem convencidas de que esta saída era absolutamente necessária para garantir o bem-estar das populações. O próprio governador insular reconhecia que, naquela peculiar conjuntura, só na ilha Terceira existiria um excedente de 11 a 12 mil pessoas, para as quais a emigração seria, sem dúvida, a melhor solução.”* (Mendonça:6)

O objetivo inicial de mil pessoas pretendido por Pina Manique foi largamente ultrapassado.

A “transmigração” de açorianos oriundos do Faial, Terceira e São Miguel para várias zonas do Alto e Baixo Alentejo (Portalegre, Elvas, Évora, Beja, Alcácer do Sal, Ourique, Grândola), desenrolou-se entre os meses de maio e outubro de 1787, mas não há números exatos de quantas pessoas migraram.

Segundo L.Mendonça terão sido 2.456 açorianos. Oriundos da Horta (provavelmente também do Pico) 1.131 pessoas - 201 casais; de São Miguel 562 pessoas - 124 casais; da ilha Terceira 759 indivíduos - 128 casais. Não deixa de ser curioso notar que dentre

todos foram contados 1302 filhos/as. Como se adaptaram ao interior, longe do mar? Que facilidades/dificuldades de inserção tiveram? Quanto tempo por lá ficaram? Quantos ficaram e quantos regressaram? São questões pertinentes para as quais ainda não há respostas.

Todos as correntes migratórias deixam marcas profundas nas regiões de origem. Partem casais, famílias inteiras, trabalhadores jovens e saudáveis, mas ressentem-se o ambiente familiar e social. Sempre assim foi.

Entre 1856 e 1866 foram registadas no Governo Civil da Horta 10.350 saídas para o estrangeiro, 7.157 do distrito e 3.193 de outras ilhas. Isto sem contar com a incontrolada emigração clandestina que tomava os navios mercantes e as baleeiras americanas nas suas viagens para as Américas.

O Governador Santa Rita, confrontado pelos responsáveis municipais com a falta de mão de obra, alegava que as remessas dos emigrantes quer enviadas quer trazidas pelos retornados, suplantavam essas dificuldades pois eram muito elevadas.

Na altura, o saldo fisiológico da população do Pico e do Faial, mesmo com a emigração, era bastante positivo.

Em 1876 a população faialense era de 25.839 pessoas e a do Pico de 27.077. (Santa Rita:76) Quão diferentes são dos de 2017(SREA):Faial - 14.640; Pico - 13 737!...

Nos dias que passam, faz-se sentir uma preocupante e acentuada desertificação, fruto de migrações internas que terão de ser estancadas para não descambarem em enormes prejuízos para o desenvolvimento do todo insular.

Ontem gente nossa povoou as Américas e os Alentejos. Hoje necessitamos de outra gente para repovoar estas ilhas de pouca terra mas de muito mar.

*jornalista c.p. 239 A
<http://escritemdia.blogspot.com>

1 - Cristóvão de Aguiar, *Alguns dados sobre a Emigração Açoriana*, Vértice, 1976.

2 - Santa Rita, António J.V., *Relatório do Governador do Distrito da Horta, 1867*

3 - Mendonça, Luís, *Povoadores Açorianos no Alentejo em finais do século XVIII* (Cfr.artigo publicado na revista Callipole, Vila Viçosa, nº 14, 2006, pp. 75-83